

## ARTIGOS (ARTICLES)

Tempo e educação em Platão  
Time and Education in Plato  
*Samuel Scolnicov*

O tempo do filósofo. Reflexões platônicas sobre o uso responsável do tempo  
The Time of the Philosopher. Platonic reflections on the responsible use of time  
*Thomas Alexander Szlezák*

La interpretación de Heidegger del *Augenblick* de Nietzsche...  
En torno a una polémica de Onto-Teo-Logia...  
Heidegger's interpretation of Nietzsche's *Augenblick*...  
A propos of an Onto-Theo-Logical Dispute  
*Ricardo Espinoza Lolos*

Tempo do mundo e tempo da ação no *Político* de Platão  
Cosmic Time and Time of Action in Plato's *Statesman*  
*Marcelo Perine*

A arqueologia e o tempo: os significados do efêmero,  
do perpétuo e do cíclico nas imagens dos mosaicos antigos  
Archaeology and Time: the meanings of the terms ephemeral,  
perpetual and cyclical in ancient mosaics  
*Silvana Trombetta*

Aristóteles y Agustín: el tiempo como medida y el tiempo como espera  
Aristotle and Augustine: Time as Measure and Time as Anticipation  
*Enrique Muñoz Mickle*

Entre cão e lobo: com sofista por mestre  
Between dog and wolf: the sophist as teacher  
*Jaa Torrano*

Adequação material para linguagens aristotélicas  
Material adequacy for Aristotelian formal languages  
*Edelcio Gonçalves de Souza*

## COMUNICAÇÕES (COMMUNICATIONS)

O tempo em Platão: os meandros da leitura heideggeriana  
Time in Plato: The Complex Ways of Heideggerian Interpretation  
*Eduardo Nasser*

Albert Camus: temporalidade e natureza humana  
Albert Camus: Temporality and Human Nature  
*Gabriel Ferreira da Silva*

## RESENHAS (REVIEWS)

*Ivanete Pereira*  
*Federica Montevocchi*



HYPNOS 17

# O TEMPO - I



Editor Responsável:

Editor:

Rachel Gazolla (rachelgazolla@ajato.com.br)

Conselho Deliberativo:

Deliberative Council:

Marcelo Perine (m.perine@superig.com.br)

Rachel Gazolla (rachelgazolla@ajato.com.br)

Conselho Editorial:

Editorial Council:

- Nacional:* CARLOS ROBERTO CIRNE-LIMA (Unisinos, Porto Alegre, RS, Brasil)  
FRANCISCO BENJAMIM DE SOUZA NETO (Unicamp, Campinas, Brasil)  
HENRIQUE GRACIANO MURACHCO (Univ. Fed. Campina Grande, PB, Brasil)  
JAYME PAVIANI (Univ. de Caxias do Sul, RS, Brasil)  
JOSÉ GABRIEL TRINDADE SANTOS (Univ. Federal da Paraíba, PB, Brasil)  
MARCELO PERINE (Pont. Univ. Católica de São Paulo, Brasil)  
OLGÁRIA MATOS (Univ. de São Paulo, Brasil)  
RACHEL GAZOLLA (Pont. Univ. Católica de São Paulo e Faculdade Filosofia S. Bento, SP, Brasil)  
SCARLETT MARTON (Univ. de São Paulo, Brasil)
- Internacional:* ELISABETTA CATTANEI (Univ. Studi di Cagliari, Itália)  
FRANCISCO BRAVO (Universidad Central de Venezuela, Caracas, VE)  
FRANCISCO LISI (Univ. Carlos III, Madrid, Espanha)  
HUGO RENATO OCHOA DISSELKOEN (Univ. Católica de Valparaíso, Chile)  
JORGE MARTINEZ BARRERA (Pont. Universidad Católica de Chile, Santiago, Chile)  
MARCELO BOERI (Univ. de los Andes, Chile)  
MARIA IZABEL SANTA CRUZ (Univ. de Buenos Aires, Argentina)  
PETER P. SIMPSON (City Univ. of New York, EUA)  
THOMAS M. ROBINSON (Univ. de Toronto, Canadá)

Comitê Executivo:

Executive Committee:

- Bruno Conte  
Claudio dos Santos  
Ivanete Pereira  
José Fernandes  
Luzir de Oliveira  
Maria Paula Curto  
Sonia Rangel

Secretária:

Secretary:

Joice Tremonti (Programa de Estudos Pós-graduados em Filosofia – PUC-SP)  
(posfil@pucsp.br – www.pucsp.br/~posfil)  
(www.institutohypnos.org.br)

Diagramação:

Desktop Publishing:

Waldir Antonio Alves (waldir@artsoft.info)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Hypnos : revista do Centro de Estudos da Antiguidade  
Greco-Romana (CEAG) . Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Ano I, n. 1 (1996) . –  
São Paulo : EDUC ; PAULUS ; TRIOM, 1996 – Periodicidade Semestral.

A partir de 2002 Semestral – revista do Instituto Hypnos e da Pontifícia Universidade  
Católica de SP, Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia.  
ISSN 1413-9138

1. Estudos gregos – Periódicos. 2. Grécia – Antiguidades – Periódicos. I. Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo. Centro de Estudos da Antiguidade Greco-Romana (CEAG).

CDD 938.005



*Cabeça de Hypnos: "Hypnos, segundo a Teogonia de Hesíodo, é filho de Nyx, irmão de Thánatos e Oneíron. Da primeira geração dos deuses, é o sono e a inspiração, por isso sua cabeça esculpida tem, do lado direito, asa em vez de orelha."*

(Cópia romana de original grego, século IV. d.C.  
Museu do Prado, Madri)

Head of Hypnos: "Hypnos, in Hesiod's *Theogony*, is Nyx's son, Thánatos and Oneíron's brother. From the first generation of gods, Hypnos is sleep and inspiration, therefore his sculptured head has a wing on the right side, instead of an ear".

(Roman copy from a Greek original, 4<sup>th</sup> century AD.  
Museum of Prado, Madrid)

THE PHILOSOPHER'S INDEX

Bovling Green, Ohio, EUA

INDEXAÇÃO – CLASE

Comité de Evaluación y Selección de Publicaciones (Univ. Autónoma de México)

INDEXAÇÃO – QUALIS "A"

Capes, Brasil

1. A *Hypnos* é, qualitativa e quantitativamente, uma revista de Filosofia Greco-romana. Busca ampliar, também, o diálogo com outros saberes da Antiguidade Clássica, hoje bem delineados em nossas Universidades: Literatura Clássica, História Greco-romana, História das Religiões, Línguas Clássicas etc. Acreditamos que a cultura Greco-romana deve ser assumida pelos estudiosos em Filosofia com o máximo de abrangência. A Editoria persegue esse objetivo e procurará publicar, sempre que possível, não só os textos sobre Filosofia Greco-romana mas as pesquisas literárias, linguísticas, históricas, psicológicas, antropológicas e outras condizentes com esse período histórico. A extensão da cultura grega e romana antigas faz com que as atuais divisões acadêmicas sejam uma necessidade, mas não uma regra que venha a limitar o investigador, filósofo ou não. Por isso, a *Hypnos* apresenta largos limites para a recepção desses estudos. Basicamente, esta revista é um veículo de auxílio para a interação dos estudos Greco-romanos brasileiros e não brasileiros.

2. A Editoria da *Hypnos* compreende que os estudos filosóficos posteriores à Grécia e Roma, até os nossos dias, também devem ser publicados, porém em menor número que as investigações sobre o período clássico, desde que obedeam à temática principal de cada número. Assim, é rico e vigoroso que pesquisas de outros momentos da História da Filosofia sejam aceitas se concernentes ao tema central, por exemplo, se um número tiver como temática central a "Ética" e os textos em questão versarem sobre "Ética".

3. Havendo um Conselho Consultivo e um Conselho Editorial para decisões, artigos apresentados fora da temática de um número, porém expondo uma relação entre um texto de autor grego ou romano com outro de qualquer outro período histórico, podem ser aceitos. Outras áreas de investigação que não se refiram à Filosofia e aos Estudos Clássicos poderão dar eventual contribuição, ficando a cargo da Editoria deliberar sobre a aceitação desses trabalhos, levando-se em conta sua pertinência e o peso que venham a ter para as pesquisas filosóficas.

Os textos publicados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

1. *Hypnos* is a journal for Greco-Roman Philosophy. We also seek to increase the dialogue between Philosophy and other subject areas in Classical Antiquity that are nowadays well established in universities: Literature, History, Philology etc. It is the conviction of *Hypnos* that researchers in Philosophy should approach the culture of Antiquity in a comprehensive way. The Editors pursue this aim by publishing not only texts that are specific to Philosophy, but also those that concern the areas of Literature, Linguistics, History, Psychology, Anthropology, and so forth. *Hypnos* has a generous policy as regards acceptance of works that extend beyond the academic boundaries. Basically the journal is a vehicle to enhance the study of Greco-Roman studies and to further interactions between students in the area, whether they are Brazilian or not, and whether they are academic scholars or not.

2. The Editors of *Hypnos* have adopted the policy that, despite the preference of the journal for studies in the Philosophy of Classical Antiquity, studies in periods of philosophy other than that, up to and including the present day, can also be published provided that they are in agreement with the main theme for each issue. So if a particular issue's central theme is, say, "Ethics", then texts from periods of the History of Philosophy other than Antiquity and which deal with Ethics will be welcome.

3. Papers not pertaining to the main theme for a particular issue of the journal, but presenting a relationship between a Greek or Roman thinker and another from a historical period other than that of Classical Antiquity, may be accepted for evaluation by the Consultative Council and the Editorial Council. Texts from other areas of investigation besides those of Philosophy or Classical Studies might be featured occasionally, depending on the editors' acceptance and on the pertinence and importance of the given text for philosophical studies in Brazil.

Published material is the sole responsibility of their authors.

*"Flumina pauca vides de magnis fontibus orta, plurima collectis multiplicantur aquis"*<sup>1</sup>

Não melhor do que seu tempo, mas seu tempo da melhor maneira! Este mote, de sabor hegeliano, traduz de maneira exemplar a relação do filósofo com o tempo. Desde o início da Filosofia, conforme a anedota relatada por Diógenes Laércio – em que a escrava trácia de Tales de Mileto riu de seu mestre que caíra numa poça d'água por estar olhando para o céu –, o filósofo e a Filosofia mantêm uma curiosa (para dizer o mínimo!) relação com o Tempo.

De fato, o surgimento da Filosofia e dessa quase bizarra figura do filósofo inaugura uma nova dimensão no interior do Tempo cosmológico pelo ato de apreender o próprio Tempo no conceito. O Tempo apreendido no discurso, ou seja, o Tempo do conceito, revela-se como uma espécie de "agora permanente", Tempo do presente ou, mais exatamente, da presença do sentido intemporal de tudo e do todo.

Essa nova compreensão do tempo leva Platão a interpretar o Tempo do mundo, governado pela mistura de necessidade e inteligência, como a moldura que circunscreve para os seres humanos o quadro no interior do qual se exerce a autonomia da ação humana. A exigência de autonomia e, portanto, o imperativo de misturar inteligência e necessidade na sua relação com o mundo e com os seus iguais, leva os seres humanos a cair na conta de que a responsabilidade pelas suas ações não se limita ao breve tempo da sua vida, mas estende-se por todo o tempo no qual a sua alma – imortal e, portanto, intemporal – é chamada a realizar o fim último da vida humana, que consiste na assemelhação ou assimilação a Deus.

O presente número de *Hypnos* apresenta artigos e comunicações sobre o Tempo: de Platão a Heidegger e Camus, passando por Aristóteles, Agostinho e Nietzsche, diferentes abordagens do tema são contempladas nos textos que compõem este volume. Somam-se a estes, um texto sobre a

<sup>1</sup> "Vês poucos rios surgirem de grandes nascentes, mas muitos que crescem recolhendo filetes de água." Ovídio, in *Remedia amoris* (vv.97s).

VI adequação material para linguagens aristotélicas, uma vigorosa reflexão sobre *O Sofista*, de Platão, e uma preciosa análise dos significados do efêmero, do perpétuo e do cíclico nas imagens dos mosaicos antigos, que põem em confronto arqueologia e temporalidade.

No momento em que a revista alcança, na classificação Qualis da Capes, o nível “Nacional A”, em reconhecimento à qualidade que a coloca entre as melhores revistas de Filosofia publicadas em nosso país, queremos reafirmar aos nossos leitores o compromisso de manter e aperfeiçoar constantemente a qualidade editorial e gráfica da nossa revista.

*Marcelo Perine*  
Conselho Deliberativo

## SUMÁRIO

### ARTIGOS (ARTICLES)

- Tempo e educação em Platão  
Time and Education in Plato  
*Samuel Scolnicov* ..... 1
- O tempo do filósofo. Reflexões platônicas sobre o uso responsável do tempo  
The Time of the Philosopher. Platonic reflections on the responsible use of time  
*Thomas Alexander Szlezák* ..... 14
- La interpretación de Heidegger del *Augenblick* de Nietzsche...  
En torno a una polémica de Onto-Teo-Logia...  
Heidegger's interpretation of Nietzsche's *Augenblick*...  
A propos of an Onto-Theo-Logical Dispute  
*Ricardo Espinoza Lolas* ..... 28
- Tempo do mundo e tempo da ação no *Político* de Platão  
Cosmic Time and Time of Action in Plato's *Statesman*  
*Marcelo Perine* ..... 41
- A arqueologia e o tempo: os significados do efêmero,  
do perpétuo e do cíclico nas imagens dos mosaicos antigos  
Archaeology and Time: the meanings of the terms ephemeral,  
perpetual and cyclical in ancient mosaics  
*Silvana Trombetta* ..... 57
- Aristóteles y Agustín: el tiempo como medida y el tiempo como espera  
Aristotle and Augustine: Time as Measure and Time as Anticipation  
*Enrique Muñoz Mickle* ..... 70
- Entre cão e lobo: com sofista por mestre  
Between dog and wolf: the sophist as teacher  
*Jaa Torrano* ..... 82

VIII	Adequação material para linguagens aristotélicas Material adequacy for Aristotelian formal languages <i>Edelcio Gonçalves de Souza</i> .....	98
------	--	----

### COMUNICAÇÕES (COMMUNICATIONS)

O tempo em Platão: os meandros da leitura heideggeriana Time in Plato: The Complex Ways of Heideggerian Interpretation <i>Eduardo Nasser</i> .....	112
--	-----

Albert Camus: temporalidade e natureza humana Albert Camus: Temporality and Human Nature <i>Gabriel Ferreira da Silva</i> .....	127
---	-----

### RESENHAS (REVIEWS)

<i>Ivanete Pereira</i> .....	135
<i>Federica Montevocchi</i> .....	139

### Normas e informações / Rules and Information

Normas da ABNT .....	143
----------------------	-----

Critérios para transliteração do grego .....	143
Criteria for Transliteration from Greek	

Endereços para entrega de artigos .....	144
Addresses for sending articles	

Permutas e doações .....	144
Exchanges and donations	

Endereços para compra da revista .....	146
--	-----

Assinaturas .....	151
Subscription	

## TEMPO E EDUCAÇÃO EM PLATÃO

### TIME AND EDUCATION IN PLATO

SAMUEL SCOLNICOV\*

**Resumo:** Neste texto pretende-se mostrar certos ângulos da reflexão de Platão sobre a educação e sua temporalidade, privilegiando o tempo “interno” imbricado nas questões da *areté*, do conhecimento e da teleologia da vida humana. A dignidade do viver como meta dependente da razão normativa (*lógos*) estrutura a ação daqueles que têm a Filosofia como reflexão específica para a educação da alma, conforme a pensou o filósofo.  
**Palavras-chave:** virtude; Filosofia; *lógos*; educação.

**Abstract:** This paper aims to present some views about Plato’s reflection on education and its temporality, emphasizing the “inner” time involved in questions of *areté*, knowledge and teleology of human life. The dignity of living as an aim dependant on normative reason (*lógos*), is a base to the action of those who have Philosophy as an specific reflection for the education of the soul, as the Philosopher regarded it.

**Key-words:** Virtue; Philosophy; *Lógos*; Education.

“A vida não examinada não é digna ao homem de vivê-la. Se vos disser isso, vós me creereis ainda menos. Mas de que assim é, como eu vos digo, senhores, não é fácil convencer-vos” (*Apologia* 38a). Sócrates está bem consciente da dificuldade de seu ideal educacional. Mas qual é exatamente a dificuldade?

Antes de começar, uma palavra de cautela. Vou restringir-me aos diálogos de Platão e, portanto, a distinção entre Sócrates e Platão é quase impossível; por outro lado, é também quase irrelevante. Prefiro, em vez, distinguir entre o “Sócrates de Platão” e o “Sócrates platônico”. O Sócrates de Platão não é o Sócrates histórico (sobre o qual não direi nada ou quase nada), mas Sócrates como Platão o compreendeu e o apresentou, ou seja, livre de uma teoria de idéias ou de uma metafísica formulada, inocente de influências pitagóricas e agnóstico com respeito à natureza da alma e seu aspecto transcendente. O outro, o Sócrates platônico, não é o porta-voz das

\* Samuel Scolnicov é professor de Filosofia da Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel.  
E-mail: scolnicov@huji.ac.il

na ação do *mnémon*, do “lembrador”, figura que auxiliava nos julgamentos mediante lembrança e citação oral da jurisprudência, a presença da oralidade.

A conclusão a que nos leva a autora é que o papel da memória e da memorização, característica da oralidade, continuará fundamental na Grécia, mesmo no período helênico, quando a alta cultura passou

a ser associada ao letramento como instrumento capaz de preservar a literatura, a filosofia e a *paidéia*. É forçoso admitir que o letramento jamais se dissociou da oralidade, na sua obra. O *lógos* parece, assim, prescindir mais da letra que do seu original sentido de palavra falada.

Ivanete Pereira  
(PUC-SP)

ivanetepereira@uol.com.br

L. ROSSETTI e C. SANTANIELLO. *Studi sul pensiero e sulla lingua di Empedocle*, Bari, Ed. Levante, 2004. 328 p. (*Studies on the thought and language of Empedocle*)

Nessuno quanto Empedocle concentra in sé il carattere essenziale dei primi pensatori greci: l'inesauribile vitalità. A cosa essa sia dovuta è uno degli interrogativi, se non l'interrogativo essenziale, che pone l'universo greco più antico. Le risposte che si possono dare sono molteplici e mai definitive: il mistero di esistenze lontanissime nel tempo, sconfinanti nell'immaginazione e nella leggenda, rimanda costantemente il quesito relativo alla nascita del *lógos*, e in generale all'esistenza spirituale, pretendendo l'esercizio integrato e la mediazione continua di analisi scientifica e *fantasia*. È forse a partire da questa mediazione che si può cogliere, in tutta la sua complessità, la simbolicità dei primi pensatori greci sottolineata già da Platone: la peculiare duplicità di natura dei simboli – insegna Cassirer – è “il loro essere legati all'elemento sensibile che tuttavia implica nello stesso tempo una libertà dall'elemento sensibile”<sup>1</sup>. Nel simbolo appare, infatti, un contenuto spi-

rituale che “rinvia al di là di ogni elemento sensibile, pur essendo convertito in forma di elemento sensibile, visibile, udibile o tangibile”<sup>2</sup>.

È nell'*incontro*, nel rapporto fra elemento sensibile e ciò che il sensibile oltrepassa pur conservandone la forma – e quindi fra analisi scientifica e attività *immaginativa* – che pare emergere l'inesauribile vitalità del simbolo: rapporto e dunque dinamicità, che rende l'oggetto da indagare problema aperto, mai conquista conoscitiva definitiva. Forse anche per questo motivo Empedocle, da un lato, ha attraversato e continua ad attraversare la storia culturale, dalla filosofia alla letteratura, dal teatro al cinema, vale a dire da Platone e Aristotele fino a Friedrich Hölderlin, da Marcel Schwob fino a Jean-Marie Straub e Danièle Huillet; dall'altro lato, ha dato luogo a dibattiti specialistici che continuamente aprono nuovi orizzonti di riflessione. A dare ancora più vigore, se mai ce ne fosse stato bisogno, alla vitalità di Empedo-

<sup>1</sup> CASSIRER, E. *Philosophie der Symbolischen Formen*, I, Oxford 1923; tr. it. *Filosofia delle forme simboliche*, I, Firenze, La Nuova Italia, 1961, p. 48.

<sup>2</sup> *Ibidem*.

cle e alla discussione che lo riguarda è stata la scoperta – avvenuta nel 1990 a opera di Alain Martin e Olivier Primavesi – di oltre 50 nuovi versi su papiro che a Empedocle, nel 1994, sono stati attribuiti.

Quello che si può leggere come un bilancio di alcuni nodi critici riguardanti Empedocle è il volume collettivo, curato da Livio Rossetti e Carlo Santaniello, *Studi sul pensiero e sulla lingua di Empedocle* (Bari, Levante Editori, 2004). Il volume raccoglie alcuni degli interventi presentati nella giornata di studi su Empedocle, che ebbe luogo all'Università di Perugia nel maggio 2001, dedicata a Renato Laurenti e al suo *Empedocle*, uscito postumo, a cura di Carlo Santaniello, nel 1999, anno in cui furono pubblicati anche i versi di Strasburgo. E proprio l'illustrazione dell'*Empedocle* di Renato Laurenti, affidata a Francesca Alesse (pp. 291-303), è l'ultimo dei saggi presentati. Gli interventi raccolti nel volume hanno il pregio di intervenire su Empedocle tenendo sì in gran conto l'*Empédocle de Strasbourg* ma considerando, al tempo stesso, anche altri temi che continuano a destare l'interesse di numerosi studiosi: sono così accuratamente indagate questioni come quelle dei due cosmî, del confine fra *Physika* e *Katharmoi* o ancora della "vera vocazione" di Empedocle e poi della riutilizzazione, nei due poemi empedoclei, della lingua omerica.

Alcuni esametri del frammento 17 (numerazione Diels-Kranz), quelli cioè in cui si parla di doppia genesi e doppia dissoluzione delle cose mortali, sono al centro della disputa sui due cosmî che si è andata definendo intorno alla metà dell'Ottocento ed è stata riaccesa dal papiro di Strasburgo, o meglio dalla posizione netta assunta da Olivier Primavesi a favore della tesi dei due cosmî e delle due zoogonie. A questa tesi – che nell'unico ciclo cosmico identifica due distinte fasi di formazione e altrettante fasi di distruzione degli aggregati – si oppone, nel primo saggio ("Empedocle: uno o due cosmî, una o due zoogonie?", pp. 23-81), Carlo Santaniello rilanciando la tesi dell'unicità del ciclo cosmico – che un unico ciclo cioè comporti tanto la costituzione di sempre nuovi aggregati quanto la loro ricorrente dissoluzione – e offrendo un'esauriente mappa storiografica del dibattito relativo a questo nodo del pensiero di Empedocle.

La tesi dei due cosmî non troverebbe, a parere di Santaniello, giustificazione certa né nei frammenti empedoclei, né in Aristotele e nemmeno nei commentatori; inoltre la lacunosità del testo papiraceo di Strasburgo [a(I)8-a(II)2] indurrebbe il sospetto di un forte condizionamento da parte degli editori, ed una riesamina dei frammenti e delle testimonianze sui quali si basano le letture dei sostenitori dell'una e del-

l'altra tesi sembrerebbe suffragare la tesi dell'unicità del ciclo cosmico. Se è vero che Santaniello apporta al dibattito elementi nuovi, argomentati organicamente, non si può certo considerare risolta la disputa.

Al di là della rispettiva validità o meno delle due tesi, ciò che pare emergere con forza dalla cosmogonia, e quindi dalla zoogonia, di Empedocle è la complessa dinamicità, che segna il trascorrere dall'uno ai molti e dai molti all'uno – attraverso passaggi che, nel moto contrario, vengono in certi punti ad essere i medesimi – quindi la comparsa e il mancamento, al tempo stesso, delle cose: nella duplice relazione uno-molti, reversibile e dunque circolare, è implicito il cambiamento e perciò il movimento. Considerati da una prospettiva d'insieme dibattiti come questo mostrano tutta la complessità del pensiero di Empedocle e del suo significato nella storia non solo filosofica: complessità, e quindi fluidità fra idee diverse, che potrebbe essere assunta come fecondo paradigma interpretativo.

Un altro esempio di tale complessità è la disputa, ormai secolare, sul confine e quindi sulla contraddittorietà o meno fra *Physika* e *Kathar-*

*moi*, quindi sull'attribuzione, molto spesso congetturale, dei frammenti all'uno o all'altro poema. Sulla questione si cimenta, nell'articolo "Empedocle, fr. 3 D.K.: saggio di esegesi letterale" (pp. 83-94), Giovanni Cerri cercando di delineare un possibile criterio di attribuzione dei frammenti basato sulla considerazione del contesto nel quale di volta in volta Empedocle presenta i suoi versi e confrontandosi con il papiro di Strasburgo dove, secondo alcuni interpreti come Primavesi, alcuni versi molto simili al frammento 139 (numerazione Diels-Kranz), precedentemente attribuito ai *Katharmoi*, sono tali da rimandare ai *Physika*. Da qui scaturiscono quelle tesi che insistono sullo stretto rapporto fra i due poemi o addirittura sull'esistenza di un unico poema empedocleo. Anche in questo caso il paradigma della complessità, o più precisamente della complessità polare fra i due poemi può essere utile a sottolineare tutta la ricchezza del pensiero di Empedocle. La forma polare del pensiero, del resto, permette di guardare al mondo greco più antico da una prospettiva d'insieme e di seguire il divenire del pensiero e le linee di continuità fra dottrine diverse<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Come sottolinea Paula Philippson (*Untersuchungen über den griechischen Mythos und Thessalische Mythologie*, Zurigo, Rhein Verlag, 1944; i due scritti sono raccolti nella traduzione italiana: *Origini e forme del mito greco*, a cura di Federica Montevicchi, Torino, Bollati Boringhieri, 2006, pp. 81-83), la forma polare del pensiero informa lo spirito greco, a partire da Esiodo. Lo sviluppo della polarità presente nella *Teogonia* si può vedere da Anassimandro a Empedocle, appunto, secondo il quale aggregazione e disaggregazione non sono opposti che

Altro esempio di questa complessità polare è la questione, affrontata in “Empedocle scienziato” (pp. 95-198) da Livio Rossetti, relativa alla “vera vocazione” di Empedocle, e quindi all’ispirazione magico-religiosa o scientifica del suo pensiero e, in generale del pensiero dei cosiddetti presocratici. Opponendosi alla linea interpretativa sia di Lloyd<sup>4</sup> sia di Kingsley<sup>5</sup>, che tende a ridimensionare la componente scientifica e filosofica di Empedocle come di altri pensatori antichi, Rossetti sottolinea la necessità di vedere nel pensatore agrigentino tanto il poeta quanto l’intellettuale e lo scienziato, quindi la complessità, si può ripetere, di un pensiero che rifiuta cristallizzazioni definitive. La molteplicità dei registri riscontrabile nell’opera di Empedocle conduce Rossetti a prendere in esame, nei *Physika*, le *doxai* secondarie, vale a dire quelle microtrattazioni che non presentano connessioni evidenti con il nucleo della dottrina centrale risultando, quindi, difficili da inquadrare nel contesto d’insieme. Il risultato di tale analisi è una rivalutazione di questi nuclei di sapere minore che mostrerebbero l’aspirazione ad esporre in manie-

rimandano a realtà diverse ed escludentisi; sono invece i contrari di una coppia, indissolubilmente legati alla loro opposizione e da essa condizionati: perdendo il polo opposto, essi perderebbero il loro stesso senso.

<sup>4</sup> LLOYD, G. E. R. e VALLANCE, J., “La scienza nell’antichità greco-romana”, in *Storia della scienza Treccani*, I, Roma 2001, pp. 539-544.

<sup>5</sup> P. Kingsley, “Empedocles for the New Millenium”, *AncPhil* 22, 2002, pp. 333-413.

ra completa lo stato di conoscenze sulla natura.

Il saggio termina con un confronto fra Empedocle e Anassimene sull’utilizzo delle analogie e con una lettura del noto frammento 100 sulla respirazione: la tesi sostenuta è che in questo frammento si parla soltanto di respirazione polmonare (non cutanea), tanto che le caratteristiche respiratorie illustrate nella sezione iniziale del frammento potrebbero riguardare il parenchima polmonare. Della complessità e della vastità di temi dell’opera di Empedocle pare essere un riscontro ulteriore anche lo stile e il linguaggio dei *Physika* e dei *Katharmoi* dove emerge netta, come mostra l’intervento di Carlitria Bordigoni (“Empedocle e la dizione omerica”, pp. 199- 289), una riutilizzazione della lingua omerica che si presenta, non come passiva assimilazione, ma con i caratteri della rielaborazione originale e personale: le risorse linguistiche dell’*epos* diventano così strumenti personali per esprimere una precisa *sophia*.

Federica Montevicchi  
(Università degli Studi di Parma)  
federica.montevicchi@yahoo.it

## NORMAS DA ABNT / ABNT RULES

Conforme exigência da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

Títulos de obras em *itálico* no texto e rodapé / Nome do autor em maiúscula no rodapé e bibliografia final, quando houver:

- LIVROS: SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título. edição. Local: editora, data, páginas.
- ARTIGOS DE PERIÓDICOS: SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título do artigo. Título do Periódico, local, volume, número,

páginas inicial e final do artigo, mês e ano.  
c. ARTIGOS DE CONGRESSO: SOBRENOME DO AUTOR, Nome. Título do artigo. In: NOME DO CONGRESSO, Número do congresso, ano em que foi realizado, local onde foi realizado. *Título da publicação*. Local de publicação: editora, data. páginas inicial e final do artigo.

Não serão aceitos artigos fora das normas.

CRITÉRIOS PARA TRANSLITERAÇÃO DO GREGO /  
CRITERIA FOR TRANSLITERATION FROM GREEK

Não havendo unanimidade quanto aos critérios para a transliteração do alfabeto grego para outros alfabetos, a *Hypnos* transliterará do seguinte modo:

- A letra ‘χ’ (chi) poderá aparecer como “kh” ou “ch”. Ex.: *psyché* ou *psykhé*.
- A letra ‘υ’ (upsilon) poderá aparecer como ‘ü’ ou ‘y’. Ex.: *phüsis* ou *physis*.
- As letras ‘η’ (eta) e ‘ω’ (ômega) serão transliteradas como ‘e’ e ‘o’ respectivamente, sem qualquer acento para sinalizar o redobro.
- O ‘iota’ subscrito não aparecerá;
- Os acentos graves e agudos serão preservados segundo a própria acentuação da palavra grega no texto em questão.
- Quando houver espírito rude, a transliteração será por ‘h’. Por ex.: ὕπνος por *hýpnos*; o espírito doce não aparecerá. Por ex.: ὄργανον será *órganon*;
- Quando houver ‘til’ (~) sobre a letra ‘e’ ou ‘u’ será transliterado por circunflexo (^), p. ex.: *noíís*.
- A letra ‘γ’ (gamma) antes de ‘κ’ (kapa) será transliterada por ‘n’. Ex.: ἀνάγκη por *anáanke*.

In the absence of a settled convention among scholars for transliteration, *Hypnos* has decided to adopt the following rules when transliterating Greek letters:

- The letter ‘χ’ (chi) may appear as “kh” or “ch”. Ex: *psyché* or *psyké*.
- The letter ‘υ’ (upsilon) may appear as ‘ü’ or ‘y’. Ex: *phüsis* or *physis*.
- The letter ‘η’ (eta) and ‘ω’ (omega) will be transliterated as ‘e’ and ‘o’ respectively, without any diacritical mark to indicate the long sound.
- The ‘iota’ subscript is not used.
- Grave and acute accents are kept as they are in the Greek word used in the quoted text.
- When there is *spiritus asper*, ‘h’ will be used in the transliteration. For ex.: ὕπνος for *hýpnos*; the *spiritus lenis* will not appear. For ex.: ὄργανον will be *órganon*.
- The letter ‘γ’ (gamma) before ‘κ’ (kapa) will be transliterated as ‘n’; ex.: ἀνάγκη for *anáanke*.